

QUANDO O AGORA NÃO É AGORA NOS GÊNEROS ACADÊMICOS

João Bosco FIGUEIREDO-GOMES⁸⁵

Carla Daniele Saraiva BERTULEZA⁸⁶

Resumo: As gramáticas tradicionais apresentam os advérbios como uma classe fechada, cujos elementos têm características de circunstanciadores. Entretanto se constata que alguns desses elementos assumem novos usos, como o *agora* que, dependendo do gênero, ocorre diferentemente do uso prototípico como advérbio de tempo. Com base na orientação teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso, este artigo tem como objetivo descrever sincronicamente os usos do item *agora* em gêneros acadêmicos. Os resultados empíricos demonstram uma tendência de trajetória de mudança construcional do *agora*: TEMPO > TEXTO, funcionando, além do uso prototípico, como *sequenciador textual* e como *marcador discursivo* em gêneros acadêmicos.

Palavras-chave: Funcionalismo. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramaticalização. Agora. Gêneros Acadêmicos.

Abstract: *Traditional grammars present the adverbs as a closed class whose elements have characteristics of circumstance. However, it has been verified that some of those elements assume new uses such as the use of “now” that, depending on the genre, occurs differently from its prototypical use as an adverb of time. Based on the theoretical orientation of Usage-Centered Functional Linguistics, the present article aims at synchronically describing the uses of the item “now” in academic genres. The empirical results demonstrate a tendency of constructional change of “now”: TIME > TEXT, functioning, in addition to its prototypical use, as a textual sequencer and as a discourse marker in academic genres.*

Keywords: *Functionalism. Usage-Centered Functional Linguistics. Grammaticalization. Now. Academic Genres.*

⁸⁵ Doutor em Linguística, professor do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Letras do Câmpus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Açu/RN - Brasil. boscofigueiredo@gmail.com

⁸⁶ Mestre em Letras, professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia –IFRN, Câmpus Pau dos Ferros/RN – Brasil. carlabertuleza@gmail.com

Introdução

Sabemos que os advérbios são tratados pela tradição gramatical como uma classe fechada, cujos elementos têm características de circunstanciadores, como tempo, modo, dúvida, intensidade, entre outros. Entretanto sabemos também que se trata de uma classe heterogênea que não se prende somente a um núcleo, mas também ao conteúdo semântico-discursivo da oração, podendo alguns de seus elementos assumirem novas funções. É o caso do *agora* que, dependendo do gênero, ocorre diferentemente do uso prototípico como advérbio de tempo.

Com base na orientação teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA et al., 2013), este artigo tem como objetivo descrever sincronicamente os usos do item *agora* nos gêneros acadêmicos dissertação de mestrado e tese de doutorado.

O artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos os achados de trabalhos funcionalistas sobre o item *agora* em outros gêneros que não os acadêmicos; em seguida, discorremos sobre a orientação teórica desta investigação que reside na proposição denominada pelo grupo Discurso & Gramática como Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU; depois, vem a metodologia, seguida da análise e discussão dos usos do item *agora* nos gêneros acadêmicos, mostrando os resultados e as tendências de seus diferentes usos.

ESTUDOS FUNCIONALISTAS SOBRE O ITEM AGORA

Nesta seção, apresentamos alguns significados/funções do item *agora* resultantes dos estudos funcionalistas de Niedzieluk (2004), Souza Júnior (2005), Duque (2009), Rodrigues (2009) e Philippsen (2011).

Niedzieluk (2004) estuda o item *agora* no discurso oral de Florianópolis, cujos dados foram extraídos de 24 entrevistas do Banco de Dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil – VARSUL. Buscando descrever a multiplicidade de funções que o *agora* exerce, a autora apresenta duas macrofunções: a de advérbio temporal, que contém cinco microfunções, e a de conector/elo discursivo, que contém quatro microfunções.

Segundo Niedzieluk (2004), o *agora* possui a propriedade dêitica enquanto advérbio referenciador da circunstância de tempo, estruturalmente vinculado ao plano sentencial. A macrofunção *advérbio temporal* está dividida nas seguintes microfunções: a) momento atual: o *agora* é empregado aludindo ao momento atual da enunciação do falante; b) época atual: o *agora* é empregado aludindo à época atual, ou seja, o momento de enunciação refere-se à época atual/contemporânea; c) tempo de contraste: o *agora* é empregado para contrastar com a época passada e isto é mencionado no discurso precedente do informante; d) tempo de referência ao passado: o *agora* é empregado aludindo a um tempo referido pelo falante com relação ao passado; e) tempo de referência ao futuro: o *agora* é empregado aludindo a um tempo referido pelo falante com relação ao futuro.

Niedzieluk (2004) afirma que o item *agora* possui também uma característica específica de conector/elo discursivo, que é a propriedade que permite dar sequencialidade ao discurso, funcionando como um organizador, ao estabelecer uma relação entre a parte do texto que ele introduz e a precedente, estabelecendo um elo coesivo. A partir dessa macrofunção de conector/elo discursivo, o item *agora* assume as microfunções: a) contrastivo: o *agora* tem a função de explicitar uma oposição à ideia anterior; b) retomador: o *agora* tem a função de recuperar anaforicamente o tópico da narrativa e dar prosseguimento ao discurso; c) avaliativo: o *agora* tem a função de explicitar um ponto de vista e/ou uma opinião do informante; d) avaliativo de realce: o *agora* tem também a função de explicitar um ponto de vista ou opinião, mas atenta para um enfoque especial na informação precedente; e) aditivo: o *agora* tem a função de acrescentar outra informação ao já dito.

Desse modo, Niedzieluk (2004) conclui que o item *agora* parece estar exposto ao processo de gramaticalização, que se transfere de sua categoria inicial para outra, no caso, de uma “microfunção puramente dêitica temporal para uma macrofunção de conector/elo discursivo, passando por uma transição entre essas duas categorias.” (NIEDZIELUK, 2004, p.04).

Outro trabalho que estuda o item *agora* é o de Souza Júnior (2005). O autor faz um estudo sincrônico nas tiras de quadrinhos de “Gatão de Meia idade”, de Miguel Paiva. Souza Júnior (2005) mostra que o item *agora* ocorre nas funções de dêitico temporal, na função de juntivo e na função discursiva. Para Souza Júnior (2005), o *agora*, quando se apresenta como dêitico temporal prototípico, equivale semanticamente a “neste momento”, “no momento presente” que remete ao tempo presente da ação enunciativa. Quando o item *agora* atua na

função juntiva, assume a função de *conector* com o sentido mais abstrato, perdendo o traço de mobilidade e ganhando o traço de fixação, passa a funcionar como recurso para organização das ideias e a progressão textual, estabelecendo relações de causalidade, apresentando a noção de conclusão, de contrajunção com ideia de ressalva e com a ideia de contraste, ao vir acompanhado de *mas*, marcando assim a oposição temporal passada. Diferentemente, quando o item *agora* assume a função discursiva, ele atua nas funções de *introdutor de digressão*, quando o falante (um personagem) insere um segmento tópico no interior de outro, e de *redirecionador de tópico*, quando o falante (um personagem) deixa de lado um tópico principal sobre o qual discorre para dar explicações, opinião sobre o que está sendo tratado.

Desse modo, Souza Júnior (2005) afirma que o item *agora* está perdendo os traços presentes no uso temporal e apresentando novos usos e funções como o valor juntivo, agindo como um conector de sequencialização, estabelecendo relações lógicas e, em outros casos, o item *agora* está atuando como marcador discursivo na organização do discurso. Segundo o autor, o *agora* está passando, portanto, por uma trajetória crescente de abstratização, passando de um sentido mais concreto para um mais abstrato.

Também em uma perspectiva sincrônica, Duque (2009) fez um estudo sobre o processo de gramaticalização do item *agora*, utilizando o corpúsculo de língua falada do Programa de Estudos de Usos da Língua/UFRJ – PEUL. O autor encontrou uma diversidade de ocorrências com o uso do elemento *agora* e afirma que esse item surgiu da reanálise da expressão latina *hac hora* ((n)esta hora). Com base nessa diversidade encontrada, Duque (2009) defende que o item *agora* vem cumprindo a trajetória ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, proposta por Heine et al. (1991).

Ancorado na perspectiva funcionalista de vertente norte-americana, Duque (2009) classificou o *agora* encontrado nas ocorrências como exofórico (ou dêitico) e endofórico (juntivo ou discursivo), funções que se assemelham com as apresentadas por Souza Júnior (2005), pois o uso considerado exofórico por Duque (2009) é aquele que Souza Júnior denomina de dêitico temporal, em que o item *agora* equivale a “neste momento” ou “no momento presente”. A função juntiva do *agora* é entendida pelos dois autores já mencionados como um uso em que o item apresenta-se como conector responsável pela organização das ideias: a de adversidade e a de concessão, que fazem parte da função que Souza Júnior (2005) chama de contrajunção, em que o elemento articula sequencialmente o texto.

Outro ponto em comum entre os achados de Duque (2009) e de Souza Júnior (2005) é o *agora* discursivo, em que os autores mostram que, nessa função, o item exerce o papel de marcador discursivo, perdendo características temporais e textuais, passando a atuar na organização de unidades discursivas, promovendo a abertura, a retomada ou o fechamento de tópico.

Philippsen (2011) também apresenta um estudo sincrônico sobre o item *agora*, mas em textos orais e escritos do Estado de Mato Grosso. Para a autora, o item *agora* apresenta, nos textos analisados, as funções de dêitico, conector de sequencialização, conector de contrajunção, conector de causalidade ou perífrase conjuncional causal/explicativa e marcador discursivo. Segundo Philippsen (2011), o *agora* dêitico apresenta traços prototípicos como mobilidade de colocação na frase e localização de referência temporal de momento presente. Com base na frequência do item *agora* conector, Philippsen (2011) observa que o uso dessa função pode tratar-se de um deslizamento funcional de *agora advérbio > conjunção*, em que as velhas formas se revestem de uma nova roupagem, ou seja, uma nova função, fruto do processo de gramaticalização. Como Souza Júnior (2005), a autora também reconhece o item *agora* como conector de contrajunção, cujo efeito discursivo pretendido é mostrar ao interlocutor a oposição de ideias entre os segmentos textuais. Além da função de conector de contrajunção, o item *agora* apresenta também a função de conector de sequencialização, cujo efeito discursivo pretendido é direcionar o interlocutor para a sequência dos acontecimentos. Parece-nos que esse uso, reforçado pelo conector *e*, tem também um aditivo, acrescentando mais uma informação e funcionando como *além disso*. Para Philippsen (2011), o *agora* também apresenta a função de conector de causalidade ou perífrase conjuncional causal/explicativa, que, segundo ela, o efeito discursivo apresenta a crença do falante a respeito do que é dito e a explicação causal atribuída aos fatos. Além disso, a autora constatou alguns usos do *agora* na função de marcador discursivo, em que esse item assume funções argumentativas referentes à organização lógica das ideias, assim “nas velhas formas e nas novas funções acrescentam-se novos efeitos sintático-pragmáticos”. (PHILIPPSEN, 2011, p.16).

Para Philippsen (2011), a gramaticalização do item *agora* como conector de contrajunção ocorre na modalidade oral, pois, na escrita, continua-se utilizando a conjunção adversativa *mas*. A autora constatou também que não só os deslizamentos funcionais se apresentam

em um contínuo dos usos da língua, mas também que os efeitos sintático-pragmáticos são mobilizados num processo permanente de gramaticalização.

Devido ao estudo de Rodrigues (2009) ser diferente dos demais já apresentados, não obedecemos à ordem cronológica. Trata-se, pois, de um estudo pancrônico de textos do latim até o século XX sobre o item *agora*. Nos dados analisados, o item *agora* apresenta usos temporais, usos de conexão e usos discursivos. Segundo Rodrigues (2009), o item *agora* ainda é usado como advérbio, mas deixa de se vincular ao momento presente e passa a ter traços com mais referência temporal passada em alguns casos e mais referência temporal futura em outros. Rodrigues (2009) nos mostra que, exercendo o papel de elemento de conexão, o item *agora* assume a função de sequencializador, de opositor e de concluidor. No papel de marcador discursivo, segundo Rodrigues (2009), o item *agora* funciona como enfatizador de tópico, localizado em todas as sincronias, e retomador de tópico, encontrado somente nas sincronias clássica e moderna. Com base nisso, Rodrigues (2009) afirma que o *agora* é um item multifuncional que se gramaticalizou, ao longo da trajetória da língua portuguesa, cujo percurso é TEMPO > TEXTO.

Em síntese, podemos assinalar que, conforme os estudos apresentados, o item *agora* assume, nos diferentes gêneros, usos temporais: como advérbio temporal, também chamado de dêitico temporal ou exofórico; usos de conexão: como retomador, avaliativo, aditivo, concluidor, sequencializador, conector de causalidade e conector de contrajunção (ou de contraste); e usos discursivos: como marcador discursivo, introdutor de digressão, redirecionador de tópico, enfatizador de tópico. Essa multifuncionalidade nos levou a verificar quais usos do *agora* podem caracterizar os gêneros acadêmicos, como veremos adiante.

A Linguística Funcional Centrada no Uso

Historicamente, a denominação dessa abordagem provém de *usage-based model* (modelo baseado no uso), termo que foi utilizado primeiramente por Langacker (1987) para designar modelos teóricos que privilegiam o uso da língua. Em Martelotta (2011), o modelo passou a ser traduzido como “linguística centrada no uso” e, mais recentemente, como proposição teórico-metodológica do Grupo Discurso e Gramática – D&G, essa vertente passou a ser designada *Linguística Funcional Centrada no Uso* – LFCU (FURTADO DA CUNHA et al. 2013).

A LFCU é, pois, uma abordagem resultante da junção das tradições de pesquisas de representantes da Linguística Funcional, como Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Heine, entre outros, como também representantes da Linguística Cognitiva, como Lakoff e Langacker. Essas correntes apresentam diversos pressupostos teórico-metodológicos em comum, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção escrita entre léxico e gramática, a relação entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

Segundo Furtado da Cunha et al. (2013), o princípio da Linguística Funcional Centrada no Uso é que a estrutura da língua emerge a partir dos contextos em que esta é usada. Assim essa abordagem compreende a regularidade e a instabilidade da língua como sendo influenciadas e modificadas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007). A LFCU é também um tipo de abordagem que, em sua análise, expõe tanto os aspectos formais, das formas pela estrutura social, como também dados relacionados aos contextos comunicativos, ou seja, dados semânticos, pragmáticos e discursivos. Desse modo, existe o interesse pela dimensão formal (fonético-fonológica e morfossintática) e a dimensão significativa (semântica, pragmática e discursiva). Na dimensão significativa, os fatores discursivo-pragmáticos e semântico-cognitivos funcionam para satisfazer demandas comunicativas, seguindo da eventualidade discursiva para a regularização estrutural previsível; nesse processo de regularização acontece um crescente grau de abstratização. Na dimensão formal, estão os processos de mudança relacional entre os signos e a transformação da construção na qual eles interagem.

Assim, a Linguística Funcional Centrada no Uso tem como objeto de estudo temas que estejam relacionados à emergência e à regularização de padrões construcionais no âmbito da proposição, envolvendo fatores fonológicos, morfológicos e sintáticos, como também o discurso e os aspectos linguísticos relacionados à organização do texto. Essa abordagem também leva em conta aspectos relacionados às restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, como também aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão de acordo com os dados da experiência.

Segundo Martelotta (2011), a habilidade linguística do falante é vista como formada das regularidades no processamento mental da linguagem em contextos de uso. Os eventos de uso são primordiais para a continuidade da estruturação do sistema, pois fornecem o *input*

para os sistemas de outros falantes, por meio, por exemplo, de reanálises, analogias e outros processos que sugerem alterações e extensões no uso das expressões linguísticas. Assim, o sistema tem um caráter eminentemente dinâmico ou emergente, já que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas em eventos de comunicação específicos e amplia-se a partir da repetição ou ritualização desses eventos.

A LFCU reconhece a base biológica da linguagem, as estruturas e habilidades inatas que capacitam os humanos a aprender e usar uma ou mais línguas, mas mostra que os aspectos culturais têm uma importância mais significativa. Assim, esse paradigma não adota a noção de sintaxe autônoma, como faz o gerativismo, já que não acredita existir uma gramática autônoma de base biológica, em que os princípios estejam inseridos na estrutura genética humana.

A abordagem da LFCU entende a sintaxe, pois, como estando diretamente relacionada a fenômenos de natureza semântica ou discursivo-pragmática. A sintaxe é vista como uma estrutura a serviço do discurso e esse é entendido como um uso criativo da língua nos diferentes contextos de comunicação. Segundo Furtado da Cunha (2012), o discurso e a gramática interagem e um influencia o outro mutuamente, de tal modo que, no uso real da língua, um não pode ser acessado, ou até mesmo explicado, sem referência ao outro. Nessa perspectiva, as línguas são motivadas e moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e funcionais que exercem um papel na aquisição, no uso e na mudança linguística (TOMASELLO, 1998).

A gramática é vista pela LFCU como um conjunto de esquemas/processos simbólicos que são usados na elaboração e na organização de um discurso coerente. Segundo Furtado da Cunha et al. (2013), a gramática é constituída de categorias morfossintáticas rotinizadas, apresentando padrões funcionais mais regulares e formas opcionais em processo de mudança motivada por fatores cognitivo-interacionais. Desse modo, a gramática e o discurso estão unidas e agem em mútua dependência, em que um (re)modela o outro.

Assim, a gramática é concebida como um “sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia a dia” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p.18). Considerando o aspecto emergente da gramática, as regras que regulam o sistema linguístico resultam de um grupo de princípios de adaptação contextual. A gramática, por esse viés, é um fenômeno sociocultural em que sua estrutura e sua regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em um processo contínuo. Exemplo disso

é a posição do sujeito na predicação em português: podemos colocar o sujeito antes ou depois do verbo, mas, ao formular as frases, temos que decidir em que parte vai aparecer, o que não é arbitrário, já que é o contexto de uso o fator motivador da escolha. Então, dominar uma gramática de uma língua significa dominar os mecanismos de natureza sintática e os processos associados a: organização textual (planos discursivos, coesão e coerência, etc.) e aos fenômenos interacionais (intenções e expectativas dos participantes, leituras de interação, implicaturas conversacionais, etc.). Existe uma estreita relação entre esses pontos, porque o texto é organizado contextualmente e o próprio lugar da interação, posto que os interlocutores, “como sujeitos ativos, negociam o sentido de maneira interativa, tanto respondendo ao contexto quanto criando contexto.” (TRAUGOTT; DASCHER, 2005).

Em suma, vimos que, na LFCU, os fatores sociocognitivos entram em ação no processamento das sentenças, ou seja, na interação e que a utilização de informações contextuais é primordial para a criação e interpretação das sentenças, implicando também em uma visão adaptativo-funcional do sistema linguístico que serve de base à comunicação verbal. Assim, temos uma visão de gramática emergente que reflete a criatividade humana para encontrar a forma ótima e expressiva de comunicação em diferentes contextos.

Resultante dessa gramática emergente é o fenômeno da gramaticalização. Segundo Furtado da Cunha et al. (2013), a gramaticalização designa fenômenos de variação e mudança linguística, que se modificam tanto sincrônica como diacronicamente, considerando, como vimos, aspectos relacionados à dimensão significativa e a dimensão formal.

O processo de gramaticalização tem como princípio cognitivo a exploração de velhas formas para novas funções (WERNER; KAPLAN, 1963), o que faz com que conceitos concretos sejam movimentados para o entendimento de um elemento menos concreto. Assim, os falantes e ouvintes, devido às assimetrias de suas experiências, negociam e adaptam funções e formas para o sucesso da troca comunicativa, permitindo que a língua altere os seus padrões discursivos e a sua contraparte mental.

Segundo Heine et al. (1991), torna-se possível expor o processo de gramaticalização por meio do grupo de categorias conceptuais, de acordo com uma escala de abstração crescente, em que cada elemento seguindo um percurso unidirecional se liga a outro elemento a direita por meio de “flechas” (“>” leia-se “passa para”), resultando no que muitos pesquisadores chamam de “metáforas categoriais”:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Para os autores, essas categorias representam um domínio de conceituação relevante para a estruturação da experiência humana. Martelotta (2008) ilustra essa escala de abstratização, em português, por meio de exemplos, com a palavra “braço” que indica uma parte do corpo e passa a designar um objeto como “braço da cadeira”, uma atividade, como em “braçada”, uma medida de espaço, como em “uma braça” e uma qualidade, como em “Ele é meu braço direito”. Essas categorias representam uma variedade de conceitos definidos perceptual e linguisticamente.

Continuando essa perspectiva, mais recentemente, a LFCU, baseada em Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013), entende a gramaticalização como uma mudança construcional que acaba por moldar a gramática da língua e implicar diluição de fronteiras categoriais mais nítidas. Nessa ótica, um uso qualquer, motivado por fatores de ordem pragmático-discursiva pode se tornar, via repetição frequente, uma expressão fortemente esquemática e convencional, em termos de sentido e estrutura, que cumpre uma nova função, de estatuto mais gramatical. Ou seja, o que era livre escolha passa a ser idiomático e os novos usos, com maior vinculação entre si, tornam-se mais abstratos e (inter)subjetivos. (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA, 2014)

Metodologia

O *cópus* utilizado na investigação faz parte do banco de dados de Dissertações e Teses sobre gramaticalização, organizado por Figueiredo-Gomes e Bertuleza (2013) e intitulado *cópus DISSERTAÇÕES E TESES – DISSERTES*.

O *cópus* DISSERTES constitui um banco de dados que permite uma análise do Português culto Brasileiro, norma exigida em trabalhos acadêmicos, que contém uma média de 2.000.000 palavras, dos gêneros acadêmicos Dissertações e Teses, defendidas no período de 1998 a 2012. Como o *cópus* é formado por trabalhos de gramaticalização, há muitas amostras de fala, ilustrando os fenômenos de estudo. Para caracterizar os usos do *agora* em gêneros acadêmicos, por razões metodológicas, isolamos todas as amostras de fala, uma vez que esses usos não caracterizam o gênero em questão.

A fim de analisarmos os usos do item *agora* nos gêneros acadêmicos, selecionamos as categorias de análise resultantes dos estudos existentes sobre esse item, quais sejam, os estudos de Niedzieluk (2004), Souza Júnior (2005), Duque (2009), Rodrigues (2009) e

Philippsen (2011). Na seleção das variáveis, incluímos todos os usos identificados nos trabalhos sobre esses itens, embora alguns sejam próprios da língua falada, nós os mantivemos no levantamento, posto que esses usos podem ter se gramaticalizado na escrita.

Como o *córpus* deste trabalho é formado por dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, sentimos a necessidade de defini-los enquanto gêneros acadêmicos. Segundo Swales (1990), o gênero acadêmico é associado a gêneros escritos que apresentam alguma investigação produzida por seus(suas) autores(as) com interesse de expor suas descobertas ou discutir questões teóricas e/ou metodológicas. Segundo a ABNT, esses dois gêneros, apesar de acadêmicos, são diferentes, pois a dissertação evidencia o conhecimento de literatura existente sobre um assunto e a capacidade de sistematização do candidato ao título de mestre, já a tese apresenta uma investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão, que concede ao candidato o título de doutor, último título de escolaridade reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

Para o tratamento dos dados, obedecemos aos seguintes passos: após selecionarmos as dissertações e as teses, fizemos a conversão do formato **pdf* (Adobe Reader) dos gêneros acadêmicos para o formato **txt*, extensão necessária à aplicação do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008), uma ferramenta de grande valia para os pesquisadores da Linguística de *Córpus*, que possibilita a coleta de amostras de usos da linguagem. O programa *WordSmith Tools* apresenta três ferramentas, são elas: o *WordList*, que permite gerar listas de palavras, contendo todas as palavras do arquivo ou arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas frequências absolutas e percentuais; o *Concord*, que faz concordâncias de uma palavra específica com partes do texto onde ocorreu; e o *KeyWords*, que coleta palavras de acordo com a frequência.

Nesta pesquisa, o programa *WordSmith Tools* contribuiu para a coleta de amostras em que ocorrem os usos do item *agora* e para o cálculo de frequência dos usos desse item. O programa permitiu também listarmos as concordâncias do item *agora* com os outros elementos que são usados no texto e extrairmos as amostras para a análise dos usos em comum.

Usos e funções do item *agora* em gêneros acadêmicos

Sabemos que o item *agora* etimologicamente provém de *hac hora* (latim) que significa ‘neste momento’ ou ‘no momento presente’ e tradicionalmente é visto como um simples advérbio, um dêitico temporal que tem como função situar eventos a que se refere em um determinado período de tempo. No entanto, esse item pode apresentar um desdobramento da noção de tempo, que, segundo Neves (1992), ele não revela apenas o momento fisicamente determinado, mas apresenta variação de alcance que pode referir-se a um mínimo pontual, como também pode abranger um momento maior ou menor, pertencente à esfera do presente, do passado ou do futuro, desde que se aproxime do momento da enunciação ou o atinja. Pudemos ver, na seção “Estudos funcionalistas sobre o item *agora*”, essa abrangência e outros achados nos estudos de Niedzieluk (2004), Souza Júnior (2005), Duque (2009), Rodrigues (2009) e Philippsen (2011).

Com base nesses estudos, encontramos usos temporais prototípicos do *agora* nos gêneros acadêmicos segundo os dados do córpus DISSERTES e outros que se desdobraram com outras funções como podemos ver na Tabela 01.

Tabela 01 – Frequência dos usos do item *agora* nos gêneros acadêmicos

Item Agora	Dissertação	Tese	Total
Sequencial	30/27,5%	12/11,9%	42/38,5%
Dêitico temporal	14/12,8%	16/14,6%	30/27,5%
Mudança de estado	20/18,3%	07/6,4%	27/24,7%
Introdutor de tópico	03/2,7%	02/1,8%	05/4,5%
Divisor de época	05/4,5%	–	05/4,5%
Total	72/66,5%	37/33,9%	109/100%

Fonte: Bertuleza (2013, p.83)

Como mostra a Tabela 01, o item *agora* ocorre, no córpus DISSERTES, com usos mais próximos do seu sentido prototípico, como TEMPO (57%): *dêitico temporal*, *mudança de estado* e *divisor de época*, e o *agora* como TEXTO (43%): *sequencial* e *introdutor de tópico*, que apresentamos, a seguir:

1 AGORA COMO TEMPO

O uso do *agora* como tempo foi encontrado nos cinco os trabalhos que apresentamos. É o uso do *agora* como advérbio temporal, diferenciando apenas as especificações da referência da circunstância de tempo. Descrevemos, a seguir, os usos temporais assumidos pelo item *agora* no cópús DISSERTES, quais sejam: *agora dêitico temporal*, *mudança de estado* e *divisor de época*.

1.1 AGORA DÊITICO TEMPORAL

O cópús DISSERTES apresentou os usos temporais do item *agora* que indicam a noção de tempo, por meio da função de dêitico temporal, função prototípica desse item equivalente a “neste momento”, em 27,5% de ocorrências, como podemos ver nas amostras (1) e (2).

(1) Resta *agora* observar o comportamento das modais introduzidas pela locução SEM QUE, no que tange à mobilidade posicional. (73-D-21)⁸⁷

(2) O efeito principal da apassivação é que ela cria, por assim dizer, um ambiente inacusativo. Por figurar *agora* em um ambiente inacusativo, o complemento de considerar passa pelas mesmas transformações descritas em (6): o sujeito da SC é alçado para o Spec/IP matriz em (8a), mas não em (8b). (34-T-08)

Conforme (1) e (2), amostras dos gêneros dissertação e tese, respectivamente, sobre estudos de gramaticalização da língua portuguesa, o item *agora* ocorre na sua função de dêitico temporal. Na amostra (1), o item *agora* em “resta *agora* observar” equivale semanticamente a “neste momento”. Já na amostra (2), o item *agora* em “por figurar *agora* em um ambiente inacusativo, o complemento de considerar passa pelas mesmas transformações descritas em (6):” corresponde ao momento presente da enunciação.

⁸⁷ As amostras estão codificadas da seguinte maneira: o primeiro número corresponde à ocorrência no programa Excel; a letra maiúscula indica o gênero (D – Dissertação; T - Tese) e o número corresponde à identificação do texto no cópús DISSERTES.

1.2 AGORA MUDANÇA DE ESTADO

Ocorreram 24,7% de usos nos gêneros acadêmicos em que o item *agora* apresentou a função temporal de mudança de estado, função que equivale semanticamente a “a partir desse momento” como mostra (3) e (4). Embora sejam muito próximos da função divisor de época, diferenciamos estes usos por não sugerirem um cessamento, mas uma mudança de estado que se inicia.

(3) A contração de para com o artigo a era esperada neste contexto, porque no registro de fala coloquial este tipo de contração (pra) é usual. O gênero de Unicamp foi alterado e *agora* é masculino: Unicampo, mas o seu determinante continua feminino: a Unicampo. (127-D-30)

(4) No entanto, ressalta-se que sempre se imaginou como principal intenção de um estudo não o esgotamento das possibilidades de análise ou o oferecimento de todas as respostas, mas a promoção de reflexão sobre novas respostas, novos caminhos de investigação que, neste caso, *agora* estão submetidos à apreciação e contribuição dos leitores. (94-T-13)

Na amostra (3), a função temporal do item *agora* apresenta uma noção de mudança de estado, em que o gênero da palavra Unicamp, a partir daquele momento, foi alterado para o masculino. Verificamos também uma mudança de estado em (4), em que o item *agora* pressupõe que, a partir daquele momento, estão submetidas às reflexões sobre as respostas e os caminhos da investigação. Salientamos que é um uso que se diferencia da função dêitica do *agora*, apesar de temporal, por marcar as mudanças nos eventos a partir de um tempo específico.

1.3 AGORA DIVISOR DE ÉPOCA

Outro uso temporal, apresentado nos gêneros acadêmicos, embora com 4, 5% de ocorrências, é o *agora* divisor de época que se trata de um uso em que o item *agora* faz referência a uma situação que era no passado de uma forma e no momento da enunciação não é mais, como ocorre em (5).

(5) Todavia, diferentemente de (32), em que o operador argumentativo era apenas o item até, sendo que o que não podia ser retirado da sentença sem prejuízos sintáticos, por ser uma conjunção integrante, *agora* o que se chama de operador argumentativo é o grupo até que, já que ele, em bloco, serve ao discurso. (26-D-15)

Na amostra (5), em que a dissertação versa sobre os operadores argumentativos e mostra que a função era restrita a apenas um elemento, o “até”, não incluindo o “que” como conjunção integrante, mas, por meio do item *agora*, marca-se a época atual, em que o operador argumentativo “até” mudou, passando a constituir as expressões até que e fazendo parte do grupo já que.

2 AGORA TEXTUAL

Assumindo funções mais textuais e discursivas, o item *agora* passa a desempenhar novas funções advindas do seu sentido primeiro (tempo), funcionando, no texto, como conectivo, apresentando noção de sequenciação; e como marcador discursivo, introduzindo tópico.

2.1 AGORA SEQUENCIAL

Esse uso está presente nos estudos de Niedzieluk (2004), distribuído nas funções contrastivo, retomador, avaliativo, avaliativo de realce e aditivo, que coloca no mesmo grupo as funções discursivas. Souza Júnior (2005) registra apenas como conector o *agora* juntivo por contrajunção. Além do *agora* juntivo adversidade, Duque (2009) encontra o *agora* juntivo concessão. Rodrigues (2009) registra os usos do conector sequencializador, opositor e concluidor. Por fim, Philippsen (2011) inclui na função do *agora* conector, além da contrajunção, o conector de sequencialidade e de causalidade (perífrase conjuncional explicativa/causal). No corpus DISSERTES, o item *agora* como conectivo apresenta também a noção de sequenciação.

Na função sequencial, também tipificada por Rodrigues (2009) e Philippsen (2011), o item *agora*, com 38,5% de ocorrências, tem, nos gêneros acadêmicos, a função de dar continuidade à sequência de eventos ou ações dentro do contexto em que está inserido. Trata-se de um uso em que existe uma fluidez entre o registro escrito e a localização espacial no texto, como mostra (6) e (7).

(6) Na realidade, o uso dessa sentença tem a função de defender um argumento contrário ao procedimento em questão, uma vez que a propriedade resultante já existe. Observe *agora* o exemplo contido em (2-23). (07-D-18)

(7) Uma vez confirmada a capacidade de discriminação e de esquematização dos informantes, cabe *agora* discutir o nível dessa granularidade e a força de coesão entre os grupos. (91- T-23)

Nas amostras (6) e (7), o *agora* enfraquece sua noção temporal e passa a estabelecer uma relação de continuidade entre as informações do registro, direcionando o leitor e indicando o local do conteúdo textual nos dois gêneros acadêmicos. Verificamos uma forma de chamamento para o leitor do que quer que seja observado, em (7), e um aviso da organização do processamento textual do autor que reflete também o direcionamento das reflexões sobre o conteúdo.

2.2 AGORA INTRODUTOR DE TÓPICO

Segundo Risso, Silva e Urbano (1996), qualquer elemento de função textual desempenha sempre uma função orientadora da interação, mesmo que seja sutilmente, essa afirmação mostra que é difícil estabelecer uma distinção exata entre os elementos que são de função absolutamente textual dos elementos interativos, como os marcadores discursivos. No entanto, consideramos que, em alguns usos ocorridos nos gêneros acadêmicos, o *agora*, além de atuar como um direcionador do texto, ocorre desempenhando funções de predominância discursiva. Embora com função discursiva do *agora*, Niedzieluk (2004) inclui as funções retomador e avaliativo e avaliativo de realce como conector. Considerando marcador discursivo, Souza Júnior (2005) elenca o *agora* introdutor de digressão e redirecionador de tópico; Duque (2009) registra o *agora* introdutor de tópico; Rodrigues (2009) divide os marcadores, além do *agora* introdutor de tópico, nas funções de enfatizador de tópico e retomador de tópico; e, por fim, Philippsen (2011) engloba o *agora* como marcador discursivo na função argumentativa de organizador lógica de ideias. Como marcador discursivo, no corpus DISSERTES, o item *agora* funciona como *introdutor de tópico*, como também o acharam Duque (2009) e Rodrigues (2009) em gêneros diferentes.

Nos gêneros acadêmicos do corpus DISSERTES, tipificamos o *agora* introdutor de tópico, com 4,5% de ocorrências, cuja função é introduzir um tópico ou um novo momento do discurso, por meio de uma mudança no tópico ou no assunto tratado, como segue em (8) e (9).

(8) Vimos que era preciso, então, excluir as ocorrências com os principais ser e ter, além dos modais. Com essa nova rodada, obtivemos um percentual de 24% de ocorrência da forma nova entre os verbos de segunda conjugação, amalgamando F e P. *Agora*, com o índice de 60% de ocorrência da forma entre verbos de 2ª conjugação e de uma sílaba, podemos concluir que, com exceção dos verbos mais frequentes na língua e de morfologia mais marcada, a exemplo de ser e ter, o processo de mudança já atingiu essa conjugação na escrita. (06-D-17)

(9) *Agora*, conforme foi feito para o verbo achar, são apresentados alguns cruzamentos entre a categoria 'sentidos' e outras categorias. (113-T-10)

Conforme as amostras, o item *agora* ocorre iniciando tópicos. Na amostra (8), que apresenta os percentuais obtidos após a exclusão de algumas ocorrências, o *agora* aparece iniciando um novo tópico, apresentando o índice de uma nova forma entre verbos de segunda conjugação e de uma sílaba. Em (9), o *agora* também introduz um turno/tópico no qual ele mostra que, a partir daquele trecho, será feito um cruzamento entre categorias.

Com base nessas ocorrências, constatamos que o item *agora*, embora seja de um uso mais conservador, formalidade exigida pelos gêneros acadêmicos, quando mais de 50% dos usos preservam a função prototípica de dêitico temporal, está passando por um desdobramento do tempo, seguindo como *sequenciador textual* e, em outros casos, como *marcador discursivo*.

Conclusão

Os resultados empíricos revelam que o item *agora* apresentam novos usos e funções nos gêneros acadêmicos, como: *dêitico temporal*, *divisor de época*, *mudança de estado*, *sequencial* e *introdutor de tópico*. Os resultados mostram também que o item *agora* segue a trajetória: TEMPO > TEXTO nos gêneros acadêmicos dissertação de mestrado e tese de doutorado.

Com base nesses resultados, concluímos que o item *agora* é multifuncional e assume funções específicas, em certos contextos, que contribuem, principalmente, na organização e na construção de sentido do texto acadêmico, por meio das funções *introdutor de tópico* e *sequenciador textual*, corroborando, assim, os pressupostos da LFCU, sobretudo no que diz respeito à teoria da gramaticalização.

Desse modo, podemos tomar a variação e a mudança como um processo que pode ser trabalhado, nos diversos níveis de ensino e mesmo no nível acadêmico, posto que a variação é

um traço inerente e mesmo constitutivo das línguas, em maior ou menor grau; já a mudança, embora seja uma tendência nas línguas, não tem que acontecer. Baseados nisso e nos resultados apresentados, sugerimos, pois, que essa concepção possa ser levada em conta nas atividades de análise e reflexão linguística nas aulas de língua portuguesa.

Referências

BERTULEZA, C. D. S.; FIGUEIREDO-GOMES. **Cópus DISSERTES**. Açú/RN: UERN, 2013. (em andamento)

DUQUE, P.Q. O processo de gramaticalização do item agora. In: XIII CNLF. **Anais...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009, p.943.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, p.13-51.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: **Sintaxe em foco** / [Organizado por] Medianeira Souza. [et al.]. – Recife: PPGL / UFPE, 2012.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CESÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. Abordagem construcional de gramática e ensino de língua portuguesa. In: **V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – De volta ao futuro. (Resumo do simpósio)** Lecce, Itália: Università del Salento, 2015. Disponível em: < <http://simelp.it/simposio> > acesso em: 29 ago. 2014.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Linguistics**, v. 1, Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, M. H. M. Advérbios circunstanciais. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do português falado: A ordem**. Campinas. UNICAMP/FAPESP.V. 1. 1992.

NIEDZIELUK, L. C. Afinal, como se apresenta o agora no discurso oral de Florianópolis: conector/elo discursivo ou advérbio temporal? In: VI Encontro - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – Celsul. **Anais...** Florian2004.

PHILIPPSEN, Neusa I. Deslizamentos funcionais do item agora: a gramaticalização em processo. **Revista Philologus**, Ano 17, N° 49. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2011.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

RODRIGUES, F. C. D. **Padrões de uso e gramaticalização de agora e então**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense – Instituto de Letras, 2009.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SOUZA JÚNIOR, R. C. **A multifuncionalidade do item agora em tiras de quadrinho: da gramática ao discurso**. Dissertação (Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- Programa de Pós-graduação em Letras, 2005.

SWALES, J. M. **Genre Analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, M. (Ed). **The new psychology of language**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WERNER, H.; KAPLAN, B. **Symbol-formation: na organismic developmental approach to language and the expression. Of thought**. New York/London/Sidney: Wiley, 1963.